

AS RELAÇÕES SOCIAIS NA CIÊNCIA: um estudo sobre a colaboração científica de Grupos de Pesquisade Sociologia

Guilherme Alves de Santana
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil
guilherme.alves.santana@gmail.com

Fabio Mascarenhas e Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil
fabiomascarenhas@gmail.com

Natanael Victor Sobral
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil
natanvsobral@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

As motivações dos pesquisadores para produzir ciência perpassam por aspectos inerentes às rotinas da atividade científica, tais como produtividade, reconhecimento, prestígio e senso de contribuição para a solução dos problemas da humanidade. Para aperfeiçoar a comunicação, difundir e explorar áreas de pesquisa e institucionalizar as suas relações, tais pesquisadores se reúnem em grupos, aqui denominados Grupos de Pesquisa. Pereira e Andrade (2008) apontam os Grupos de Pesquisa como referências para o desempenho, desenvolvimento, investigação e produtividade científica.

Estes agrupamentos de pesquisadores buscam o avanço científico e tecnológico e ainda podem induzir a formação de redes de relacionamento entre investigadores de instituições iguais, semelhantes ou diferentes. No Brasil há aproximadamente 38 mil Grupos de Pesquisa certificados pelo Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (BRASIL, 2018),



corroborando sua importância para a ciência nacional. No tocante aos Grupos de Pesquisa, uma questão que carece de respostas é se as colaborações ocorrem com maior intensidade em âmbito endógeno ou exógeno. Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar resultados parciais da pesquisa que busca analisar como se caracteriza a colaboração científica entre Grupos de Pesquisa (de excelência) da área de Sociologia. Destaca-se, inicialmente, que nem sempre as colaborações científicas ocorrem de maneira formalizada no âmbito de um Grupo de Pesquisa certificado ou de coautoria em publicações, todavia, para este estudo, tomam-se por base os parâmetros formais da formação de redes sociais científicas, haja vista o caráter inicial do projeto.

2 RELAÇÕES SOCIAIS NA CIÊNCIA

Segundo Elias (1999), o indivíduo separado do mundo traz a imagem de um “eu” fechado, como uma caixa ou como uma substância, que contém aspectos próprios sem dependência de relacionamentos. Percursor do caminho seguido por Elias (1999), Parsons (1951) considera a personalidade do indivíduo como um tipo de caixa preta fechada onde ocorre uma série de fenômenos individuais. Por outro lado, quando este indivíduo se insere em um grupo, ou seja, na sociedade (mesmo diferente do seu contexto), ele passa a conhecer novas possibilidades. Como consequência, um novo conhecimento pode ser gerado, podendo contribuir para o encadeamento de outras ações na vida deste indivíduo.

Partindo dessa discussão, para interagir com os acontecimentos científicos, o indivíduo necessita sair de sua zona isolada e criar relações dinâmicas com outras pessoas, ou pesquisadores. Sobre esta realidade, retoma-se o estudo de Elias (1999), ao afirmar que o ser humano tem uma predisposição natural a conviver com outras pessoas, sendo de sua natureza o propósito de se desenvolver por meio do relacionamento com os outros. Essa dinâmica que motiva um indivíduo a se relacionar com outros pesquisadores, na ciência, pode decorrer do fato de um pesquisador buscar novas inspirações acadêmicas, pelo desejo de ampliar suas perspectivas de estudos e descobertas, pela necessidade de compartilhar



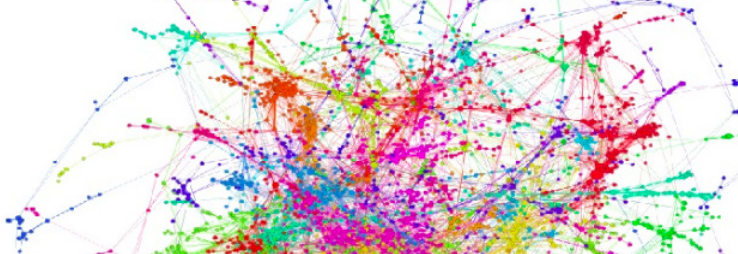
recursos materiais e intelectuais e várias outras formas de motivações, que podem ocorrer em âmbito formal ou informal.

A concepção clássica sobre relações em prol da ciência é de que dois cientistas colaboram quando compartilham dados, equipamentos e/ou ideias em um projeto, que resulta em experimentos e pesquisa (ELIAS, 1999; LATOUR, 2001). Os estudos de laboratório realizados por Latour (2001), por exemplo, comprovavam a necessidade de cooperação entre cientistas, já que as conclusões de pesquisas dependem diretamente do surgimento de outras, e vice-versa. Com base nos resultados das pesquisas, Latour (2001) pondera que um cientista envolvido na construção de um fato científico busca alianças com outros atores humanos, traduzindo o que dizem ou querem para o seu próprio interesse.

Witter (2009, p. 181) acredita que redes são geradas por diversos motivos, sendo um deles o “repasso constante da informação entre seus integrantes tanto de trabalhos que estão desenvolvendo individualmente ou em grupo, como por informações científicas localizadas e consideradas pertinentes por algum de seus membros”. É necessário salientar que essas redes vão se constituindo por relações que ultrapassam as fronteiras territoriais e disciplinares dos pesquisadores, já que existem casos de pesquisadores que nem se conhecem ou sequer possuem vínculos de amizade, mas que possuem vínculos gerados por interesses profissionais comuns (BALANCIERI et al., 2005). Consequentemente, nas instituições de ensino e pesquisa, essas relações podem se desdobrar em parcerias em pesquisas, orientações, produções científicas, e vínculos de amizade e confiança (VANZ; STUMPF, 2010).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo preocupa-se com o reconhecimento, análise e interpretação da dinâmica das relações sociais entre pesquisadores, e especificamente, em Grupos de Pesquisa (GIL, 2008). Os resultados obtidos proporcionaram maior familiaridade com uma temática ainda pouco explorada. Sendo assim, esta pesquisa é exploratória, já que é um trabalho que possibilita a comunidade científica familiarizar-se com um



assunto, formulando novas hipóteses ou desenvolvendo novos questionamentos em busca da ampliação do conhecimento (GIL, 2008).

Aos grupos de Sociologia, universo desta pesquisa, optou-se por definir um recorte que atribuisse ao grupo analisado um perfil definido por parâmetros de excelente qualidade acadêmica. Assim, foram definidos os seguintes requisitos mínimos: a) estar há mais de 15 em atividade (demonstrando longevidade do grupo); b) possuir pesquisador com bolsa de produtividade 1A no CNPq (evidenciando maturidade do pesquisador na atividade de pesquisa); c) ter docente em Programa de Pós-Graduação com conceito sete na CAPES (docentes de programas costumam ser doutores envolvidos em projetos de pesquisa bem consolidados); d) ser um grupo certificado e atualizado pelo diretório (demonstrando compromisso institucional junto ao CNPq).

Neste perfil foram identificados dois grupos de Excelência: o Grupo “Centro de Estudos da Metrópole”, da CEBRAP (denominado, grupo 1) e o Grupo 2 “Estudos comparados sobre trabalho e vida econômica”, da USP. Em seguida coletaram-se as produções dos membros dos grupos na Plataforma Lattes utilizando a ferramenta de extração de dados *ScriptLattes* (<http://scriptlattes.sourceforge.net/>). A análise considerou o período de 2008 a 2017 para compor o histórico e memória científica e gerar o perfil e indicadores dos Grupos de Pesquisa. Quanto às publicações, foram considerados os artigos de periódicos, por serem produções mais passíveis de divulgação e de citações, sendo rotineiramente utilizadas na comunidade científica para investigações sobre produtividade de autores (ARAÚJO, 2006).

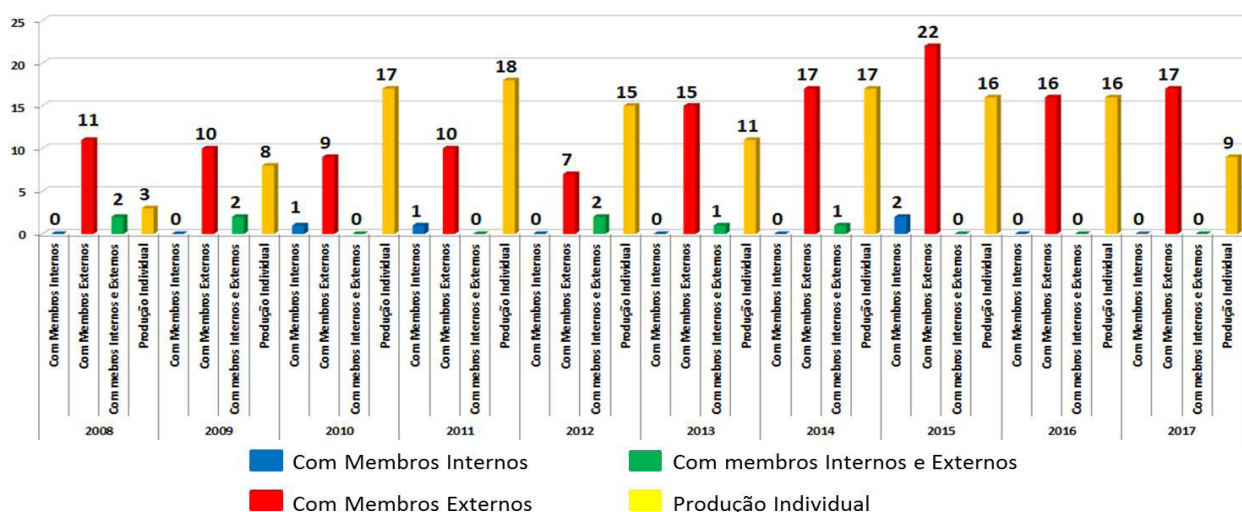
Em seguida, as listas dos artigos foram transferidas para uma nova base de dados (em arquivo de texto), no qual as produções foram separadas da seguinte forma: TI (Título); AU (Autores), e; AP (Ano de Publicação). As listas dos artigos e trabalhos foram submetidas a procedimentos específicos (configuração, extração e inversão) no *DataView*, ferramenta que gerou uma quantificação da produção científica.



4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

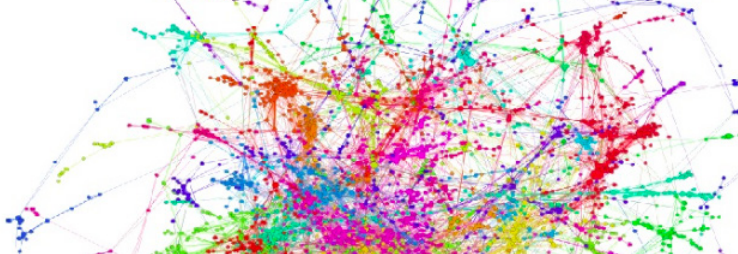
Os resultados principais identificaram comportamentos que destoam de um dos objetivos primordiais de um Grupo de Pesquisa, que é a colaboração científica (VANZ; STUMPF, 2010). Salieta-se, por exemplo, que a dinâmica de relações dos pesquisadores do Grupo 1 (Centro de Estudos da Metrópole) é predominantemente individual e com alto índice de colaboração externa. Neste, prevaleceram os artigos sem coautoria, uma vez que 33 produções foram realizadas individualmente (totalizando, 51,56%), revelando a preferência dos membros por produzirem sozinhos (Gráfico 1).

GRAFICO 1 - COLABORAÇÃO CIENTÍFICA DO GRUPO DE PESQUISA 1



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

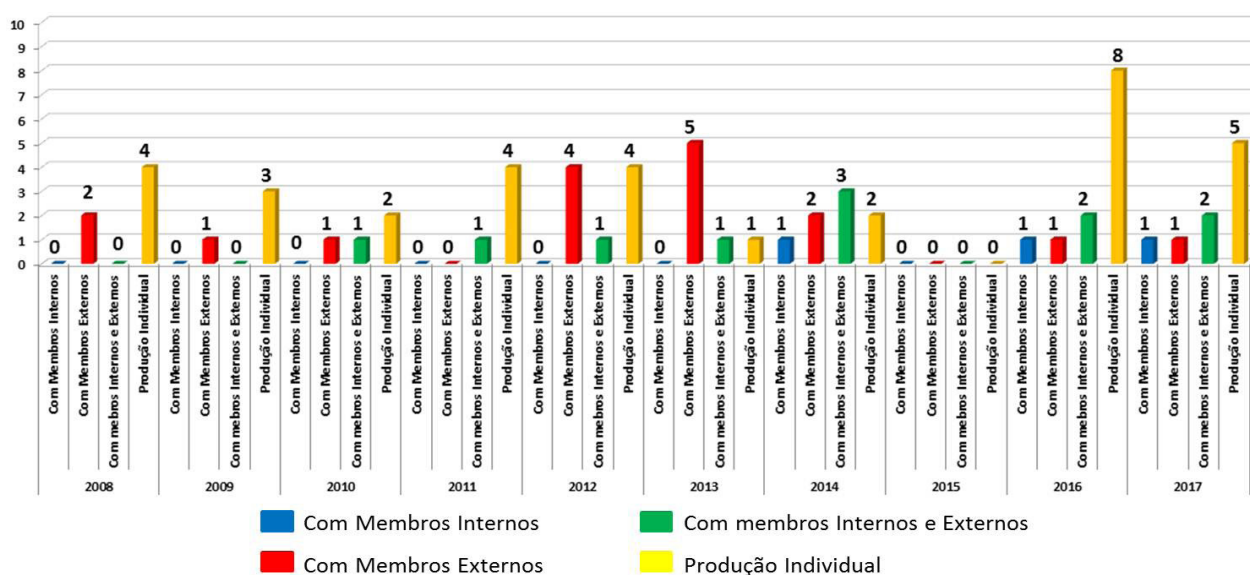
Esta situação revela uma subutilização da potencialidade coletiva do grupo, já que poderiam unir esforços para compartilhar projetos em comum que se desdobrassem em produções em coautorias. Outro ponto a se destacar é a quantidade de artigos produzidos com pesquisadores externos ao grupo. Dos 64 textos publicados durante o período analisado, 17 textos (25,56%) não tiveram colaboração de membros do grupo, demonstrando que os pesquisadores do grupo optam inicialmente por publicações individuais e com pesquisadores não vinculados aos grupos. Foram encontrados 11 artigos em colaboração (com três ou



mais autores) entre membros internos e externos ao grupo e apenas três produções com membros internos aos grupos. Logo, no que diz respeito à colaboração, o Grupo 1 não apresentou índice relevante.

Já no Grupo 2, observou-se uma situação análoga ao Grupo 1, pois a questão da colaboração interna foi pouco expressiva entre os pesquisadores do grupo (Ver Gráfico 2).

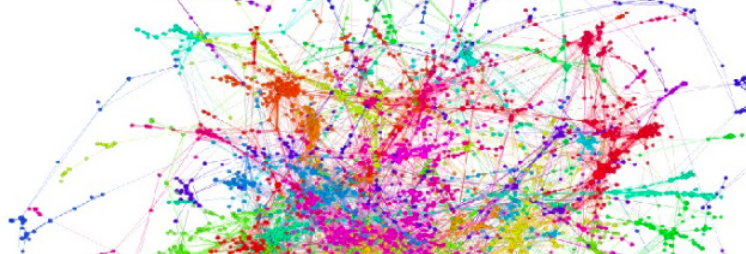
GRAFICO 2 - COLABORAÇÃO CIENTÍFICA DO GRUPO DE PESQUISA 2



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Houve 134 publicações com pesquisadores que não estavam vinculados ao grupo, perfazendo 48,55% da produção. Outro ponto de destaque foi a produção individual, uma vez que 130 publicações (47,10%) foram realizadas pelos pesquisadores no período. As publicações com membros internos e externos foram baixas, totalizando oito textos (2,90% do total). Por fim, a produção com membros internos obteve quatro publicações em 10 anos (1,45%).

Se as publicações com pesquisadores externos fossem retiradas de ambos os gráficos, a incidência de coautoria se tornaria bastante baixa, praticamente nula. Vale ressaltar que Vanz e Stumpf (2010) argumentam que quando o grau de colaboração de um grupo é pequeno, o motivo varia entre problemas na organização social em que o pesquisador está

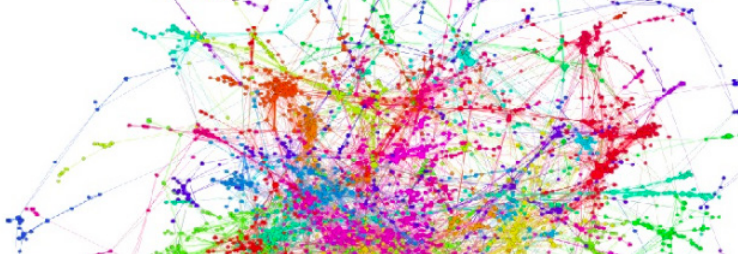


vinculado e particularidades existentes nas comunidades de investigação. Estes tipos de colaboração não refletem o comportamento principal dos grupos, que de acordo com os dados levantados, é predominantemente focado na produção individual. Ao destrinchar mais os aspectos que envolvem a colaboração dos grupos, verificou-se que aproximadamente 50% da produção total se direciona para publicações individuais.

Um fato interessante é que a maior parte das coautorias externas se concentra nos pesquisadores mais produtivos em ambos os grupos. Naturalmente, estes pesquisadores são os elos entre os pesquisadores externos e internos ao grupo, podendo favorecer as relações de endogenia e exogenia. Tal situação pode também evidenciar a relação entre colaboração externa e produtividade, ou seja, interagir com um maior número de pesquisadores externos ao grupo potencializa a capacidade de produção em coautoria. É fundamental ressaltar que o incremento de parcerias externas também pode repercutir na produtividade do investigador, implicando em benefícios individuais ao membro do grupo.

Os resultados alinham-se ao pressuposto desta pesquisa, já que a colaboração externa representa uma característica marcante nos Grupos de Pesquisa em Sociologia avaliados. E, ainda que esse estudo tenha inicialmente focado a questão da produção com os membros externos, foi identificado também uma incidência muito alta de autoria individual, fato este que surpreendeu, pois tem sido cada vez mais comum à produção de artigos em coautorias, mesmo em áreas como a Sociologia.

Esta situação, talvez seja um comportamento inerente à comunidade da Sociologia, no entanto, também pode revelar algo sensível do ponto de vista das relações interpessoais da comunidade científica, como questões de vaidade e as batalhas que se travam no contexto dos grupos pelo destaque individual. Tais questões poderão ser observadas em estudos com abordagens mais qualitativas a serem desenvolvidos no futuro. Ainda, não se descarta a possibilidade da inclusão de membros nos grupos como uma ajuda entre colegas de trabalho, já que o vínculo com algum grupo é condição para, por exemplo, angariar recursos em editais.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sair do eixo habitual ou se aventurar fora de sua zona isolada é um desafio para qualquer indivíduo, por isso, para compreender a atuação de cientistas é pertinente identificar seu comportamento na condução de relacionamentos e quais são os consequentes desdobramentos dessas relações. Dentre os diversos benefícios, já é possível afirmar que as relações sociais de pesquisadores na ciência propiciam um ambiente de colaboração que provê diversas contribuições, como o aumento do número de publicações científicas, formação de recursos humanos e criação de redes sociais.

Por fim, ressalta-se que a colaboração externa entre os grupos é um comportamento profícuo e salutar para o amadurecimento e consolidação dos grupos de pesquisa em quaisquer áreas, uma vez que é natural que atores interessados em temas afins, ainda que não mantenham vínculos institucionais, se aproximem e produzam conjuntamente. No entanto, o que não se considera positivo é uma interação demasiadamente externa enquanto internamente as relações praticamente inexistem, negligenciando-se assim a colaboração e parceria entre membros de um mesmo grupo.

REFERÊNCIAS

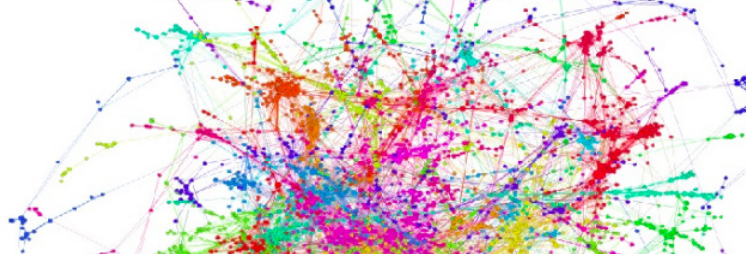
ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/16/5>>. Acesso em: 2 abr. 2018.

BALANCIERI, R. et al. A análise de redes de colaboração científica sob as novas tecnologias de informação e comunicação: um estudo na Plataforma Lattes. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 1, p.64-77, jan./abr. 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). **Grupos por Região**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-regiao>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

ELIAS, N. **Sociología fundamental**. Barcelona: Gedisa, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.



LATOUR, B. **La esperanza de Pandora**: ensayos sobre la realidad de los estudios de la ciencia. Barcelona: Gedisa, 2001.

PARSONS, T. S. **The social system**. New York: The Free Press, 1951.

PEREIRA, G. R. M.; ANDRADE, M. C. L. Aprendizagem científica: experiência com grupo de pesquisa. In: BIANCHETTI, L.; MEKSENAS, P. (Org.). **A trama do conhecimento**: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. São Paulo: Papirus, 2008. p. 153-168.

VANZ, S. A. S. STUMPF, I. R. C. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p.42-55, maio 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v15n2/a04v15n2>>. Acesso em: 7 mar. 2017.

WITTER, G. P. Redes sociais e sistemas de informação na formação do pesquisador. In: POBLACIÓN, D. A.; MUGNAINI, R.; RAMOS, L. M. S. V. Costa (Org.). **Redes sociais e colaborativas**: em informação científica. São Paulo: Angellara, 2009. p. 169-201.